

AMAZÔNIA ACREANA: PALCO PARA A LEITURA DE FOLHETOS

VALÉRIA BARBOSA FERREIRA SILVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE).

Resumo

A comunicação fará uma exposição dos resultados prévios do projeto de pesquisa "Universo oral do seringueiro acreano no início do século XX: Discurso e memória", projeto este, vinculado ao GAEL- Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem, desenvolvido através do programa de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre. O contexto deste estudo centra-se nas formas e suportes de leitura nos seringais acreanos no início do século XX. Os sujeitos dessa pesquisa, ex-seringueiros com mais de sessenta e cinco anos de idade, revelaram-nos, através de entrevistas semi-estruturadas, que, apesar da ausência da escolarização institucionalizada nesse universo, hábitos de socialização privilegiavam a contação de histórias e a leitura socializada de folhetos nordestinos e até mesmo a declamação destes. Assim posto, a exposição será focada na recepção da leitura e performance dos folhetos pelos "letrados" na Amazônia acreana. Nesse contexto específico, a relação "palco e platéia" apresenta-se configurada no homem que possui a habilidade da teatralidade, juntamente com os elementos que compõem a poética da oralidade e naquele que apresenta o exercício da audição. Como instrumental teórico, traremos à baila, discussões sobre teatralidade, pelo modo com que os leitores fazem uso dessa leitura, a literatura oral, visto que, a literatura de folhetos tem, no suporte material, somente o veículo para registro, pois, na sua construção a oralidade vem em primeiro lugar, ou seja, um escritor de folhetos oraliza primeiro para depois escrever, a memória, especialmente a memória coletiva, porque acreditamos que os sujeitos dessa pesquisa revelam-nos, não somente as suas histórias pessoais, mas, também a história de uma sociedade e, por fim, as teorias sobre leitura, especialmente aquelas que abordam formas não convencionais de leitura.

Palavras-chave:

Teatralidade , literatura oral, memória e experiência.

"... Falar do dito não é apenas re-dizer

o dito mas reviver o vivido que gerou

o dizer que agora no tempo de redizer,

de novo se diz..."

Paulo Freire

A proposta deste artigo é discorrer sobre o processo de leitura em plagas amazônicas durante meados do século XX. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo - via entrevista - que envolveu depoimentos de pessoas com idade média de 65 anos, ex-seringueiros que, na infância residiam em seringais. O *corpus* - coletado no período (2004-2008) em sub-projetos de Iniciação Científica - serviu

de suporte para o projeto de pesquisa "Universo oral do seringueiro acreano: discurso e memória", ainda em desenvolvimento. O objetivo que norteou as entrevistas foi a busca do desvelamento do processo de alfabetização nos seringais acreanos (1940 a 1950), para que, com base nesses dados, pudéssemos encontrar pistas que nos levassem a história da escritura do texto teatral em Rio Branco e nos dessem subsídios para confirmar algumas hipóteses como a preferência por elementos da composição épica na estruturação dos textos (Marques, 2005).

A proposta desta pesquisa centra-se no estudo do universo oral do seringueiro acreano do século XX, especialmente no que tange a literatura oral, seja em suporte de folhetos, seja em narrativas. Acreditamos que os dados nos ajudarão a compreender melhor esse universo e que a memória desse sujeito precisa ser, não só registrada para que não caia no esquecimento, mas, e acreditamos que especialmente, analisada de forma que possamos descobrir, nessas memórias, elementos que possibilitem uma compreensão desses sujeitos acreanos, visto que, esses personagens, para nós centrais no cenário acreano, são apenas números na historiografia oficial.

O seringueiro, sujeito da pesquisa, teve uma trajetória interessante. As leituras sobre a história do Acre nos indicaram que a maior parte das pessoas que emigraram para o Acre eram nordestinos que, ou foram arregimentados para exercerem a função de "soldado da borracha", ou vieram para fugir da seca do nordeste, e/ou, ainda, migraram para o Acre seduzidos pelas promessas de riqueza e aventura, sonhavam em arrecadar fortunas e voltar aos seus lugares de origem, porém, como os sonhos não passaram de "sonhos" poucos conseguiram fazer fortuna e muitos acabaram ficando na Amazônia.

Com essa nova vivência houve um intercâmbio de cultura e o resultado disso foi um legado precioso: a literatura oral. No seringal a vida era difícil. Para cumprirem com o objetivo primordial de extrair borracha até as crianças começavam a trabalhar muito cedo (entre 9 a 13 anos) e os menores de 9 anos ajudavam nos afazeres domésticos e na labuta da roça. Para esse povo cansado da lida, a principal forma de distração da comunidade seringueira estava baseada numa atividade tipicamente oral. Era comum, ao anoitecer, a família e vizinhos juntarem-se para ouvir e contar histórias de trancoso, mapinguari, boi, fadas, histórias do sertão e outras que, muitas vezes eram relatos de fatos reais ou imaginários. As histórias eram repassadas de pai para filhos oralmente e em poucos casos eram lidas por não haver quem soubesse ler ou mesmo pela escassez de material a ser lido.

Outro dado relevante é que a maioria dos pais dos ex-seringueiros entrevistados era analfabeta, e os alfabetizados, geralmente não tinham paciência para ensinar seus filhos depois de um dia de trabalho pesado. Além disso, a oferta de escolas no seringal era esporádica, quando havia professor ou eram os pais dos alunos ou o dono do seringal quem o remunerava. Verificamos que muitos deles aprenderam a ler com a ajuda de uma pessoa próxima e não necessariamente membro da família. Nesse contexto os materiais didáticos encontrados foram: as cartas de ABC, as cartilhas e a tabuada e as práticas pedagógicas se limitavam em cópia, ditado, leitura. O estudo desse aprendiz da leitura seguia a seguinte ordem: inicialmente se aprendia o abecedário com as Cartas de ABC e depois passava-se à leitura das cartilhas que, normalmente, eram três e progrediam em nível de dificuldade. Poucos conseguiam completar essas fases, muitas vezes porque a família mudava de seringal ou o professor parava de ministrar as aulas. Essas cartilhas sintéticas, "de soletração ou silabação" assim denominadas por (Barbosa, 1990: 55), "propõem um processo combinatório, em que elementos não-significantes da língua vão se somando até resultar em palavras; combinando-se as palavras surgem os textos." e assim se resumia todo o estudo no seringal.

No contexto do seringal o material de leitura encontrado era reduzido. A senhora Bezerra (2005) confirma essa escassez de objetos para leitura. No seu depoimento, ela afirma que aprendeu a ler por vontade própria e, na falta de um ambiente e material didático apropriados, ela lia tudo o que encontrava, desde bulas de remédio e calendários até papel de embrulho.

Abreu (1999: 24) afirma que "Os leitores tradicionais tinham acesso a um conjunto de livros fechado e limitado, os quais eram lidos e relidos, memorizados e recitados, possuídos e transmitidos de uma geração para outra...". Esse fato da memorização e transmissão do livro foi marcante na vivência dos seringueiros, pois, dois fatores principais contribuíram para essa realidade: o alto índice de analfabetismo e o número reduzido de literatura encontrado nos seringais, em consequência disso, os que se interessavam pela leitura liam tudo que viam, desde cartas, literatura de cordel, almanaques, bulas de remédio, calendários, algumas poucas revistas e até papel de embrulho.

Como não era comum haver representação teatral, exceto a encenação de Judas considerou-se a teatralidade inerente ao ato de contar histórias. O exercício de concentrar-se na viva voz, instrumento básico do teatro nasce também de uma outra condição apresentada nos seringais: a presença do rádio que, após 1955, era ouvido por pessoas que se reuniam na casa de quem o possuísse para ouvir noticiários e radionovelas como afirma a entrevistada Marques (2003). Outra entrevistada falou sobre a atenção que era dispensada pelos ouvintes para ouvir a novela em que ninguém produzia nenhum ruído para não atrapalhar o entendimento. O exercício de escutar, sem enxergar, de fato, imagens era o mais praticado, desde a audição das histórias em pequenos círculos, até a audição de radionovelas.

Nossos entrevistados, quando migraram com suas famílias para a cidade, buscaram continuar seus estudos, alguns chegando a proeza de concluírem curso superior. É interessante relatar, no caso dos entrevistados que prosseguiram com os estudos, a importância do hábito da leitura em casa e o quanto esta prática influencia na formação de bons leitores como atesta a pesquisa do INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) discutida através do artigo de Masagão (2003) no qual ressalta que o nível de alfabetismo é consideravelmente maior entre aqueles que possuíam pais alfabetizados e que privilegiavam a prática de leitura no lar.

Por outro lado verificamos a precariedade do aprendizado da leitura nos espaços rurais do estado, durante as décadas 20 e 40, especialmente. Quando um seringueiro-estudante encontrava a possibilidade de fugir do analfabetismo, essa fuga limitava-se a familiarização das letras e combinações que precedem ao ato da leitura e da produção escrita, pois o desenvolvimento da leitura e o uso em situações diversas não eram importantes diante do objetivo principal das famílias seringueiras: a extração do látex.

Nesse contexto observamos a forte presença do gênero narrativo na vida desses ex-seringueiros. Esse tipo de literatura, denominada literatura de cordel pelos entrevistados, mantinha o nome de origem – textos pendurados em cordões – é considerada popular (termo que utilizamos, aqui, para designar algo que caiu no gosto da população e que lhe é de fácil acesso por causa do baixo custo e não ousamos discutir por enquanto).

Uma de nossas entrevistadas, a senhora Marques (2003), ao explicar a importância desse gênero, comparou o folheto nordestino para a época dela com os gibis para o tempo de seus filhos. Ela ainda afirmou que todos queriam saber ler para poder desfrutar dessa literatura:

[...] meus filhos... na época dos meus filhos... eles tinham muito interesse de aprender a ler através desses gibis né ? Acho... não sei se vocês chegaram a essa época, mas, os meus chegaram, não era isso, todo mundo queria aprender a ler pra ler gibi, e assim mesmo, nessa época todo mundo queria aprender a ler pra ler os livros da

Princesa Rosa Mundo, sei lá, tinha tantos, tantos contos maravilhosos, né? ...que são histórias fabulosas, aquelas de gênio, de reis, de princesas, aquelas coisas todas... todo mundo queria ler. (2003)

Observa-se que, nos relatos como o citado acima, o núcleo dos textos, mesmo o dos gibis, focalizavam a construção de princesas e príncipes, cujas imagens são comumente encontradas nos contos de fadas que, no contexto oral, eram conhecidas como populares. Sobre essa constante podemos afirmar que há uma espécie de *fórmula* Sholles & Kellogs (1977). comum, como aponta

Outra entrevistada, a senhora Bezerra, afirma que a pessoa que soubesse ler ou recitar as histórias dos folhetos teria posição de destaque entre os amigos e parentes,

Eu gostava sempre de lê, tinha livro assim, eu gostava muito de lê história de cordel, aqueles romance né(...) eu lia corretamente e até decorava aqueles folheto, eu sabia o Pavão misterioso todim, Juvenal e o Dragão, lá no seringal a gente ia passeá na casa dos, dos pessoal e a mamãe dizia assim: mande (...), lê, contá uma história aí que ela sabe decorada, aí eu era sempre a atenção, decorava tudo. (2005)

Devido à importância desses folhetos no contexto da pesquisa, nos dedicamos, também, ao estudo da literatura oral, especialmente a de Cordel. Levantamos a hipótese que a estrutura desse tipo de literatura tenha influenciado ou, pelo menos, agradado mais ao público local.

Além das 22 entrevistas cedidas por ex-serigueiros, fazem parte do *corpus* de nossa pesquisa 11 (onze) folhetos encontrados e, gentilmente, disponibilizados pelos entrevistados para digitalização, os quais distribuímos por temas assim: Sobre amor – 5; Sobre sofrimento: 1; Cunho moral – 4; e Desafio: 1.

Desses folhetos, só dois possuem uma forma diferenciada. Um é construído com oitenta e sete estrofes em sextilhas heptassilábicas, cinco estrofes em oitavas heptassilábicas, quarenta estrofes em décimas, sendo dezoito heptassilábicas e vinte e duas decassilábicas e o outro é em setilhas setissilábicas. Todos os outros são construídos em sextilhas setissilábicas com rima abcbdb.

Outros três folhetos foram citados pelos entrevistados, sendo eles: *Lampião e Maria Bonita*, *Juvenal e o Dragão* e *Pavão Misterioso*, outros foram lembrados, mas os entrevistados não conseguiram recordar o nome, apenas diziam ser histórias fabulosas de reis, princesas e gênios.

Desses textos coletados, selecionamos, *A História da donzela Teodora*, de Leandro Gomes de Barros para análise e o fruto desse trabalho foi apresentado em dezembro de 2007 na XI Semana de Letras: linguagens e tecnologias: tendências de um pluralismo discursivo, na Universidade Federal do Acre. Esse exercício nos possibilitou entender um pouco mais da produção desse gênero tão privilegiado no universo oral dos seringueiros acreanos.

Sholles & Kellogs (1977) nos ajudou a compreender que a estrutura fixa do folheto nordestino ajuda na memorização. Isso aponta para a lembrança do caráter *formular* a que eles se referem e para o aspecto da experiência da audição. O leitor/ouvinte mais familiarizado com esse tipo de texto consegue prever a próxima frase por causa do esquema de rimas. Segundo esses autores, a estrutura fixa desse gênero é denominada de *fórmula*. Nos seus estudos, entende-se como fórmula ou sistema formular um conjunto de regras internalizadas pelo poeta que permitem que um tema qualquer possa ser "cantado" numa estrutura gramatical fixa que é sobreposta à gramática do poeta. De posse dessa fórmula o poeta precisa utilizar sua memória também para guardar os conteúdos a serem cantados.

Essa capacidade de memorização, vivenciada pelos seringueiros acreanos entrevistados, é, também, proporcionada pelo que Larrosa (1996: 161) chama de "experiência", uma vez que, segundo o pedagogo espanhol, a experiência nasce apenas de situações que nos tocam. Constatamos que o período estudado era propício à "experiência", pois eles não contavam ainda com a enchurrada de informações e com a constante cobrança de "opiniar sobre tudo e todos" realizada nas escolas e em outros espaços. Tanto o excesso de opinião, como a falta de tempo para processar os conhecimentos adquiridos e o excesso de trabalho que o sujeito tem hoje, segundo o mesmo autor (p: 160) são os três grandes inimigos da experiência. Na esteira do debate proposto por Larossa, os leitores do Cordel, nesse universo de pesquisa, proporcionavam e criavam a possibilidade de serem "sujeitos da experiência", pois se expunham ao teor da narrativa, sem pressa e sem obrigações de análise e interpretações dirigidas.

Em "A história da donzela Teodora", seu autor, Leandro Gomes de Barros recorreu a livros que continham essa história, como está registrado no folheto. Essa história circulava entre a população lusófona em forma de prosa, Leandro diz que seu trabalho foi colocar o texto em forma de verso como costa na estrofe que transcrevo: "Caro leitor, escrevi/ Tudo que no livro achei? Só fiz rimar a história/ Nada aqui acrescentei/ Na história grande dela/ Muitas coisas consultei" (Barros, s/d: 31). Le Goff (2003) contribui nessa pesquisa por trazer para o centro do debate o papel da memória e especialmente da memória social. Segundo esse autor, o poeta pode recorrer à história oficial, fatos contextualizados, mitos, lendas, ou mesmo à literatura erudita. Por isso ele coloca o poeta entre os "Mestres da verdade" por exercer a função de depositário dos segredos do passado pois, segundo ele, "a palavra poética é uma inscrição viva que se grava na memória como no mármore" (1924: 80). Ora, sabemos que esse processo é visível quanto aos escritores de folhetos nordestinos que exercem a função de depositários de

segredos. Mas, o processo se aplica também aos nossos entrevistados tanto quando eles narram e recontam suas histórias pessoais, as narrativas míticas tanto quando recitam ou lêem os folhetos nordestinos, pois, nesse processo é dada à narrativa, por causa do desempenho do leitor, uma nova carga semântica.

As poucas pessoas que tinham domínio da leitura eram responsáveis pela leitura socializada dos folhetos nordestinos no momento em que se reuniam família e vizinhos, após o trabalho, para o divertimento. A leitura oral socializada potencializava a difusão da literatura. O papel desse leitor de folhetos é de suma importância, pois, ele faz com que, através de sua ação, várias pessoas tenham acesso a obras literárias, se tornando leitores em potencial em que "ler com os ouvidos" se configura numa prática de leitura. O envolvimento do narrador de folhetos com a narrativa, a intervenção dos ouvintes e a repetição da narrativa diversas vezes são procedimentos próprios da narrativa oral. A afirmativa de Galvão (2002) ecoa na realidade de vida do seringueiro acreano no período pesquisado. Autores como Freire (1991) e Galvão (2002) trazem a baila concepções modernas de leitura que possibilitam novas formas de ler. Constatamos que a sabedoria do seringueiro é fruto do conhecimento adquirido na sua vivência na floresta. A experiência adquirida nesse contexto revela a forte presença da leitura de "mundo" a que se refere Freire (1991). Neste texto o autor afirma que essa leitura antecede à leitura do texto escrito. Outra forma de ler percebida nos seringais é a leitura socializada dos folhetos nordestinos. Segundo Galvão (2002) "A leitura coletiva, acompanhamento do trabalho manual ou divertimento no serão, tornava-se uma atividade social em que a voz supria as deficiências da alfabetização". O contexto dos seringais acreanos no início do século XX não é diferente.

O espaço de leitura adequado à exposição de textos orais, alimentados não somente pela memória dos contadores, mas também pelos vazios causados pelo esquecimento, proporciona aos leitores da mata um exercício performático no ato de contar histórias. Esses procedimentos, nos levaram a ler o conhecido texto de Walter Benjamin (1994) e constatar que a naturalidade com que o narrador renuncia as reflexões é uma característica constante em situação de igual condição de enunciação.

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará a sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia.

Fato semelhante acontecia com os folhetos de cordel. Essa literatura popular chegava aos seringais, normalmente, trazidos pelos imigrantes, quase todos nordestinos, e ocorria um processo de empréstimos entre eles e, assim passando de mão em mão, o número de leitores dessa espécie narrativa aumentava. O mesmo fato é observado em GALVÃO (2001) onde o acesso aos livretos era basicamente da compra em seus locais de venda ou por empréstimo (p.131). Como era difícil a aquisição por não haver locais de venda no contexto

analisado, o empréstimo era a solução, os poucos leitores que tinham acesso ao cordel reescrevia-o em seus próprios cadernos, recitava-o até decorar e a memória era a forma usada para armazenar o conteúdo e o processo da cópia era o mecanismo que os levavam a adquirir a escrita. Uma das nossas entrevistadas, a senhora Laura Clementina da Silva (2005) com 94 anos de idade, recitou um trecho de um cordel, "*A força do amor ou Alonso e Marina*" de Leandro Gomes de Barros, do qual transcrevemos aqui uma pequena parte:

"Nesse verso eu descrevo
A força que o meu amor tem
Que ninguém pode dizer
Que não há de querer bem
Que o amor é como a morte
Que não separa ninguém"

Através da memorização ela conseguiu recitar o trecho quase na íntegra como mostraremos o trecho retirado do cordel:

Nestes versos, eu descrevo
A força que o amor tem,
Que ninguém pode dizer
Que não há de querer bem –
O amor é como a morte,
Que não separa ninguém."
Leandro Gomes de Barros (SD)

Nos seringais, como apontado anteriormente, Scholes e Kellogs (1977: 14) nos diz que o processo de repetição dos textos em versos não é baseada na recitação palavra por palavra do poema. Quando um "cantador de histórias", para usarmos o termo do autor, se presta a narrar sua história, ele recorre a um sistema formular. Esse sistema é uma gramática específica internalizada pelo poeta, sobreposta à sua própria gramática materna, que possibilita que uma determinada história seja "cantada" várias vezes, numa mesma estrutura sem utilizar, necessariamente, as mesmas palavras. Esses autores observaram o fato de que os próprios poetas pensam que recitam na íntegra todas as palavras da história. Vale observarmos que, nos estudos de Le Goff (2003: 69-72) esse processo é próprio de uma memória étnica comum nas sociedades sem escrita nas quais "homens-memória" exercem a função de depositários e difusores tanto da história objetiva quanto da ideológica.

Benjamim (1994) nos ajudou a entender que o espaço de leitura adequado à exposição de textos orais, alimentados não somente pela memória dos contadores, mas também pelos vazios causados pelo esquecimento, proporciona aos leitores da

mata um exercício performático no ato de contar histórias. Esses procedimentos convidam o clássico texto Benjamin (1994: 204), no qual o autor constata que a naturalidade com que o narrador renuncia as reflexões é uma característica constante em situação de igual condição de enunciação, pois a naturalidade e distanciamento das narrativas a que Benjamin se refere, acontecia quando da leitura dos folhetos.

O que faltou na leitura da escrita abundou na leitura de "mundo" revelando intensa cultura oral no ato de contar histórias e repassar conhecimentos. A epígrafe que inicia este artigo traz uma importante reflexão sobre o ato de se buscar a história oral respostas para as indagações do presente. Os entrevistados ao contarem suas histórias de vida "re-viveram" os seus momentos mais importantes sejam ele tristes ou alegres. Ao recontá-las eles conseguiram o distanciamento necessário para que pudessem compreender-se a si mesmos. Foi comovente ver olhos marejados de lágrimas que lembravam a seca do nordeste, o êxodo, as famílias e amigos, bens que tiveram que ser deixados para trás; os sorrisos ao falarem das proezas, dos momentos singulares de descontração à luz da lua, ouvindo histórias e lendo folhetos. Daí, talvez se tenha uma das principais contribuições desta pesquisa, dar voz àqueles que não têm, dar nomes aos que não passam de números em estatísticas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das letras, 1999.

_____. *Leitura de ficção no Brasil Colônia* in: Revista Tempo Brasileiro nº 124 . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.

BARROS, Leandro Gomes de. *A História da Donzela Teodora*. São Paulo: Luzeiro editora Ltda, s/d.

BENJAMIM, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* in: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura*

e *história da cultura*. Trad, Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: editora Unisinos, 2003.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*; tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes – UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger de. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *A ordem dos livros*. Brasília: UNB, 1994.

_____. *A história cultural entre práticas e representações. Memória e sociedade*. Difel: Lisboa, 1990.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória (conto e poesia popular)*. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1991.

_____. *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*. São Paulo: Hucitec, 1993.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 26ª ed. São Paulo: Ed. Cortez: Autores Associados, 1991. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v.4).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Oralidade, Memória e a Mediação do outro: Práticas de Letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – a caso do cordel (1930-1950)*. Educ. Soc. Campinas: 2002. Disponível em

LAROSSA, Jorge. *Literatura, experiência e formação*. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

_____. *Experiência e Paixão in: Linguagem e Educação depois de Babel*. Ed. Autêntica. p.151-165.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LUYTEN, Joseph M. *O que é Literatura Popular*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

MARQUES, Maria do Perpétuo Socorro Calixto. *A cidade encena a floresta*. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Ana Madalena F. de. *O cordel como elemento de inclusão social*. Disponível em: <http://apl.unisuam.edu.br/ensaios/semiosis/textos/2/madalena.pdf>.

SANT'ANA JÚNIOR, Horacio Antunes. *Florestania: a saga acreana e os povos da floresta*. Rio Branco: EDUFAC, 2004.

SCHOLLES, Robert; KELOOG, Robert. O legado oral na narrativa escrita In: A natureza da narrativa. Trad. Gert Meyer. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1977.

SILVEIRA, Valéria Barbosa Ferreira. *História social das condições de escritura do texto teatral*. Rio Branco, 2006.

_____. *História social das condições de escritura do texto teatral: a literatura de cordel*. Rio Branco, 2007.

_____. *História social das condições de escritura do texto teatral: diálogo entre a literatura oral e o teatro no Acre*. Rio Branco, 2008.

TOCANTINS, Leandro. *Estado do Acre: Geografia, História e Sociedade*. Rio de Janeiro: Philobilon; (Rio Branco): Assessoria de Comunicação Social de Estado do Estado do Acre: Banco do Estado do Acre, 1984.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *A letra e a voz: a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amalio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Performance, recepção e leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

ENTREVISTAS CONCEDIDAS AO GRUPO AMAZÔNICO DE LINGUAGENS (GAEL)

MARQUES, Lindalva Calixto, 2003.

BEZERRA, Maria Lili da Silva, 2005.